

**ALORS, UN CHAT EST UN CHAT OU
UN NON-CHAT? O QUE BLANCHOT E SARTRE
TÊM A DIZER UM AO OUTRO SOBRE LITERATURA**

Cid Ottoni BYLAARDT
(Universidade Federal do Ceará)

RESUMO: Blanchot e Sartre se confrontam nos seguintes textos: “La lecture de Kafka” (“A leitura de Kafka”) e “La littérature et le droit à la mort” (“A literatura e o direito à morte”), de um lado, e “Qu’est-ce que la littérature?” (“Que é a literatura?”), de outro. Blanchot defende a impossibilidade de a literatura atuar no mundo, enquanto Sartre reivindica a participação efetiva do escritor no sentido de despertar a sociedade para o senso de justiça e paz. Este ensaio propõe uma reflexão sobre a literatura a partir do paralelo estabelecido entre os textos dos dois pensadores. Quem tem razão? Fica aqui a proposta de reflexão para quem se interessa pela literatura e sua relação com o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; função; ação no mundo.

RÉSUMÉ : Blanchot et Sartre sont confrontés dans les textes suivantes: “La lecture de Kafka” et “La littérature et le droit à la mort”, d’un côté, et “Qu’est-ce que la littérature?”, d’autre. Blanchot défend l’impossibilité de la littérature d’agir dans le monde, pendant que Sartre demande la participation efficace de l’écrivain pour réveiller à la société un sens de justice et paix. Ce papier propose une réflexion sur la littérature en considérant le parallèle établi entre les textes des deux penseurs. Qui a raison? Il reste ici une proposition de réflexion pour ceux qui portent de l’intérêt à la littérature.

MOTS-CLES: Littérature ; fonction ; action dans le monde.

Em 1945, Maurice Blanchot publica o ensaio “La Lecture de Kafka”,¹ em que ele refere uma série de exegeses sobre a obra

¹ O referido artigo foi inicialmente publicado em *L’Arche* n°11, pp.107-116, em novembro de 1945, e republicado posteriormente no livro *La Part du feu*, Paris, Gallimard, 1949, pp.9-19.

MOARA
MOLENA

do autor de *O castelo* e afirma que ela é um “désastre absolu”, uma escrita obscura que não pode conduzir a nenhuma conclusão. Segundo Benoît Denis, esse artigo teria sido o ponto de partida para uma vigorosa oposição de Jean-Paul Sartre ao que Denis denomina o “panteão literário pós-surrealista”, que estaria em vias de se instalar na cena literária francesa do final dos anos quarenta, notadamente sob o efeito das elaborações críticas de Maurice Blanchot. Sartre teria então publicado o seu hoje canônico “Qu’est-ce que la littérature?” como uma espécie de última palavra para fazer frente a uma concepção literária insuportável em um mundo marcado pela injustiça e pela exploração do homem pelo homem. Considerando, entretanto, que a literatura jamais admite palavras definitivas, Blanchot teria respondido ao texto de Sartre com suas próprias inquietações a respeito da literatura, expressas em “La littérature et le droit à la mort”.

O texto de Sartre, a julgar por sua recepção, parece ter tido uma popularidade maior, até porque a própria figura do filósofo existencialista coloca-se a si mesma de maneira bastante mais visível do que a de Blanchot nos círculos intelectuais. Este sempre foi avesso ao cerimonial literário ou filosófico, a grandes entrevistas e chamadas de ordem. Seu pensamento sobre a literatura, entretanto, pode ser considerado precursor de uma série de formulações da filosofia francesa da segunda metade do século XX, principalmente, representada por nomes como Barthes, Deleuze, Foucault, Derrida, para não citar seus amigos Levinas e Bataille.

Se Sartre escreveu seu ensaio como resposta a Blanchot, e se este replicou com “La littérature et le droit à la mort”, é um fato que em si interessa pouco para nossa investigação. O que importa é aprofundar a leitura nos textos de forma a jogar luz no confronto de ideias de dois gigantes do pensamento do século XX, e que estão ligadas ao advento da chamada pós-modernidade. Para tanto, partiremos da existência de três textos que dialogam entre si e se confrontam em concepções. A tendência a se tomar partido de um autor ou de outro está tão-somente ligada às crenças que cada

um edifica sobre a forma de existência do texto literário. E a literatura, como diz Antoine Compagnon em *O demônio da teoria* impossível não assumir uma posição, qualquer que seja ela: “Para estudar literatura, é indispensável tomar partido, decidir-se por um caminho, porque os métodos não se somam, e o ecletismo não leva a lugar nenhum” (COMPAGNON, 1999, p. 262). À escrita pragmática de Sartre, que, apesar de deixar escapar certos exageros que se justificam pela atitude combativa, pode ser considerada consistente e convincente, principalmente para os partidários da literatura empenhada, opõe-se a escritura labiríntica e barroqu岸 de Maurice Blanchot, ao mesmo tempo profundamente lógica e tremendamente sedutora, repleta de idas e vindas, repetições e negações que afirmam e afirmações que negam, que incorpora paradoxos e antíteses sem resolvê-los dialeticamente, absorvendo as faltas e os excessos e dificultando as conclusões.

Retomemos algumas ideias do texto supostamente gerador do confronto. Sobre *A metamorfose*, por exemplo, Blanchot refere-se ao romance como “une illustration de ce tourment de littérature qui a son manque pour objet et qui entraîne le lecteur dans une giration où espoir et détresse se répondent sans fin” (BLANCHOT, 2003, p. 17). Sartre não admite desvencilhar Kafka da história, da condição humana: “il fallait puiser dans ces livres un encouragement précieux et chercher ailleurs”² (SARTRE, 1967, p. 275). A barata asquerosa, o processo incompreensível, o castelo inatingível deveriam ser vistos como alegorias da condição humana: “nous reconnaissons l’histoire et nous-mêmes dans l’histoire”³ (SARTRE, 1967, p. 274). Quase ao final de seu ensaio, Sartre cita alguém que seu texto nos autoriza a reconhecer como sendo Blanchot: “Sous l’analyse d

² Trad.: “uma ilustração desse tormento da literatura que tem a sua falta com objeto e que arrebatava o leitor numa giranda em que a esperança e o desespero dialogam ao infinito”.

³ Trad.: “era necessário extrair de seus livros um encorajamento precioso e procurar em outro lugar”.

⁴ Trad.: “reconhecíamos a história, e a nós mesmos na história”

critique, ils s'effondrent en problèmes; mais le critique a tort, il faut les lire *dans le mouvement*⁵ (SARTRE, 1967, p. 355).

Essa fala pode parecer enigmática, mas se nossa hipótese de que ele de alguma forma responde a Blanchot está certa, encontramos uma explicação bastante clara na frase de "La lecture de Kafka": "Ce mouvement est inévitable"⁶ (BLANCHOT, 2003, p. 10). Que movimento? O de buscar uma verdade extra-literária que jogue alguma luz sobre o texto kafkiano, criando narrativas sobre a narrativa, estabelecendo uma alegoria. Para Blanchot, a leitura de Kafka provoca um desconforto que acarreta interpretações muitas vezes opostas e excludentes dos comentaristas, em busca de soluções que parecem não existir. Ele menciona então sucintamente algumas observações levantadas por críticos como Claude-Edmonde Magny, Klossowski, Starobinski, e comenta os comentários: "Ces textes reflètent la malaise d'une lecture qui cherche à conserver l'énigme et la solution, le malentendu et l'expression de ce malentendu, la possibilité de lire dans l'impossibilité d'interpréter cette lecture"⁷ (BLANCHOT, 2003, p. 10). Daí por que Sartre defende que a obra de Kafka seja lida "no movimento", na extrapolação para a sociedade dos homens, e não como apenas uma escrita que se desmancha em problemas, entendendo-se esse desmanchar-se como uma leitura absoluta de uma escritura que se desdobra em si mesma sem desvelar seu próprio mal-entendido. Para Blanchot, desvendar o sentido dela é traí-la, o que Sartre não admite.

O texto de Sartre é uma grande tentativa de resposta a uma pergunta irrespondível. Com relação à ambiguidade que é própria da palavra literária, o filósofo existencialista defende em tom zombeteiro a ideia de que "Lorsqu'un livre présente ainsi des pensées grisantes

⁵ Trad.: "Sob a análise do crítico, esses romances se desmancham em problemas, mas o crítico está errado: é preciso lê-los *no movimento*".

⁶ Trad.: "Esse movimento é inevitável."

⁷ Trad.: "Esses textos refletem o mal-estar de uma leitura que procura conservar o enigma e a solução, o mal-entendido e a expressão desse mal-entendido, a possibilidade de ler na impossibilidade de interpretar essa leitura."

qui n'offrent l'apparence des raisons que pour fondre sous le regard et se réduire à des battements de cœur, lorsque l'enseignement qu'on en peut tirer est radicalement différent de celui qui son auteur voulait donner, on nomme ce livre un message."⁸ (SARTRE, 1967, p. 40). Ironicamente, ele recomenda aos escritores contemporâneos que passem mensagens, isto é, "de limiter volontairement leurs écrits à l'expression involontaire de leurs âmes"⁹ (SARTRE, 1967, p. 40). Entende-se que ele chama "mensagem" a alguma ideia de acréscimo, excrescência mesmo, daquilo que é essencial no pensamento de um escritor; esse acréscimo conhecemos comumente pelo nome de ambiguidade. Mais adiante, Sartre afirma: "Telle est donc la "vraie", la "pure" littérature: une subjectivité qui se livre sous les espèces de l'objectif"¹⁰, algo que se ensina contra a vontade de quem ensinou. O que ele aponta com ironia como uma constatação lamentável e uma recomendação derrisória ao escritor contemporâneo é para Blanchot a essência do texto literário.

A ambiguidade condenada, ou a "mensagem", escapa do que a obra pode dar ao homem, na visão sartreana. Nas pegadas dos diálogos entre os textos, encontramos um cotejo frasal que pode ser elucidativo das duas concepções. Ao se referir às relações entre o escritor e o leitor, Sartre diz: "je le dévoile certains aspects de l'univers, je profit de ce qu'il sait pour tenter de lui attendre ce qu'il ne sait pas"¹¹ (SARTRE, 1967, p. 90). Blanchot coloca de outra maneira essa relação entre o escritor e o leitor, sob a forma de uma

⁸ Trad.: "Quando um livro apresenta, assim, pensamentos excitantes que oferecem a aparência de razões apenas para se dissolverem sob o nosso olhar e se reduzirem às batidas do coração, quando o ensinamento que se pode extrair dele é radicalmente diferente daquele que o autor quis dar, chama-se esse livro de mensagem".

⁹ Trad.: "que limitem voluntariamente seus escritos à expressão involuntária de suas almas".

¹⁰ Trad.: "Tal é então a "verdadeira" e "pura" literatura: uma subjetividade que se entrega sob a aparência de objetividade"

¹¹ Trad.: "eu lhe desvelo certos aspectos do universo, aproveito o que ele sabe para tentar ensinar-lhe o que não sabe"

interlocução entre aquele que escreve e sua pena: “*tu écris sans relâche, me découvrant ce que je te dicte et me révélant ce que je sais; les autres, en lisant, t’enrichissent de ce qu’ils te prennent et te donnent ce que tu leur apprends*”¹² (BLANCHOT, 2003, p. 291).

Os dois textos acima apresentam diferenças curiosas. No primeiro caso, o escritor se refere ao leitor, e a relação entre eles é quase de mão única. Embora Sartre considere o conhecimento prévio do leitor, que determinará sua historicidade, ele, o escritor, é quem vai tentar ensinar o que precisa ser aprendido, e cabe ao leitor absorver o ensinamento. No segundo texto a situação se inverte. Ao se dirigir à pena, metonímia do ser em que se transforma no momento em que escreve, o escritor revela a si mesmo o que sabe. O leitor, entretanto, o que faz é acrescentar ao texto o que muitas vezes não está ali explícito, retornando à própria escritura o que se poderia considerar seu ensinamento. Na concepção blanchotiana, o leitor mais dá do que toma, mudando o sentido da aprendizagem.

A esse respeito, Blanchot emenda: “*Maintenant, c’est que tu n’as pas fait, tu l’as fait; ce que tu n’as pas écrit est écrit: tu es condamné à l’ineffaçable*” (BLANCHOT, 2003, p. 293)¹³. A intervenção do leitor vai criar o que não está lá, o ensinamento excrescente que Sartre aponta dando-lhe o nome de mensagem está inscrito indelevelmente no produto do ato de escrever.

Se tendemos a ler o texto de Blanchot como um diálogo pouco amistoso com o ensaio de Sartre, começamos a entrelaçar as concepções dos dois pensadores no momento em que o autor de *L’espace littéraire* lança no ar uma grande inquietação, que ele parece não ter a presunção de responder: a literatura começa no momento em que ela se torna uma questão, uma interrogação, uma pergunta, uma dúvida que repousa silenciosamente no fundo da página escrita:

¹² Trad.: “*you write without rest, discovering for me what I dictate and revealing to me what I know; the others, while reading, enrich me with what they take from me and give me what they teach me*”

¹³ Trad.: “*Now, what you have not done, you have done; what you have not written is written; you are condemned to the ineffaceable*”

“O que é a literatura?” Blanchot sugere aqui que essa pergunta não foi feita para o ser humano responder, mas uma indagação que a literatura faz por meio da linguagem, da linguagem literária, e que continua ressoando enquanto o texto está lá.

Ao final de seu texto, como que num parágrafo adicional, ele alude novamente à pergunta, mas agora ela não pode ser mais que se responde racionalmente – o que Sartre tenta responder – mas uma pergunta que a própria literatura faz, e que é replicado pelo duplo sentido por trás das significações das palavras literárias:

Dans ce double sens initial, qui est au fond de toute parole comme une condamnation encore ignorée et un bonheur encore invisible, la littérature trouve son origine, car elle est la forme qu’il a choisie pour se manifester derrière le sens et la valeur des mots, et la question qu’il pose est la question que pose la littérature.¹⁴

Essa indagação é o cuidado que a literatura tem consigo mesma, talvez presunçoso, mas é um desvelo que ela não pode deixar de ter e que mantém sua existência enquanto a indagação é formulada. Para Blanchot, é uma pergunta que não poderá ser respondida; ela refere-se ao nada, à pouca seriedade, à má-fé da literatura. É o abuso que lhe censuram. Assim, a literatura atesta sua existência depreciando-se, impossibilitada de falar de coisas sérias: “*Car elle est peut-être de ces choses qui méritent d’être trouvées; mais non d’être cherchées*”¹⁵ (BLANCHOT, 2003, p. 294).

Em alusão ao mesmo tempo velada e depreciativa ao texto de Sartre, Blanchot afirma que a pergunta “O que é a literatura?” só recebeu respostas insignificantes. Essas explicações fazem-se reflexões imponentes e impositivas, ligadas à seriedade da resposta que a pergunta requer, ao desejo de atrelar a literatura às necessidades

¹⁴ Trad.: “*In this double initial sense, which is at the bottom of every word as a condemnation still unknown and a happiness still invisible, literature finds its origin, for it is the form it has chosen to manifest behind the sense and the value of words, and the question it poses is the question that literature poses*”

¹⁵ Trad.: “*Perhaps it is of these things that deserve to be found, but not to be sought*”

do homem (filosofia, religião, vida). Se essa reflexão se afasta, a literatura volta a ser ela mesma. Se retorna, termina por desprezar a literatura como uma coisa inútil, vaga, impura. A literatura que Sartre nega é o que ele chama derrisoriamente “mensagem”, aquilo que o autor não quis ou não pretendeu significar; a literatura que ele reivindica é a que, segundo ele, atua diretamente na consciência social do leitor. Sua reflexão, portanto, pressupõe que a literatura tem um significado, e ele está subordinado às intenções do autor. Parece fora de dúvida que não se pode mais atrelar a condição de literariedade de um texto ao querer-dizer do autor, e mesmo na época de Sartre a tese da intencionalidade já deixara de ser uma unanimidade, a partir de novas propostas do formalismo, do *new criticism*, da hermenêutica pós-hegeliana, da fenomenologia.

Insistindo na intencionalidade manifesta, elevada ao estatuto de ensinamento, Sartre reivindica firmemente a “*praxis* comme action dans l’histoire et sur l’histoire”¹⁶ (SARTRE, 1967, p. 287), e elege-a como o tema a ser compulsoriamente abraçado pelos escritores que ele considera sérios e empenhados, apesar de reconhecer “entre nós”, ou seja, no grupo em que ele se inclui, os que escrevem algum “roman d’amour charmant et desolée qui ne verra jamais le jour”¹⁷ (SARTRE, 1967, p. 288). Esse dia a que ele se refere é inequivocamente a clareza de propósitos que o autor seu contemporâneo deve ter, no sentido de que sua escrita aja no mundo. Utilizando expressões que podem ser lidas como referências a Sartre, Blanchot fala dessa reivindicação, que representa “la partie la plus illustre de l’art depuis trente ans”¹⁸, e lhe devolve a questão, perguntando-se se a recusa a vir à luz do dia não seria própria da arte, com o “*déplacement d’une puissance au travail dans le secret des oeuvres*”¹⁹ (BLANCHOT, 2003, p. 294).

¹⁶ Trad.: “*praxis* como ação na história e sobre a história”.

¹⁷ Trad.: “romance de amor cheio de encanto e desolação que não verá jamais o dia”

¹⁸ Trad.: “a parte mais ilustre da arte nesses trinta anos”

¹⁹ Trad.: “deslocamento de uma potência trabalhando no segredo das obras”

Ao negar o comparecimento à luz do dia, a literatura tem, sim, algo de impostura, de ilegitimidade. Aí Blanchot acrescenta um comentário que remete ao texto de Sartre: “*Mais certains ont découvert davantage: la littérature n’est pas seulement illegitime, mais nulle, et cette nullité constjkitue peut-être une force extraordinaire, merveilleuse, à la condition d’être isolée à l’état pur.*”²⁰ (BLANCHOT, 2003, p. 294). Em seu texto, Sartre havia acusado o Surrealismo de transformar a arte em nada: “et comme chacune d’elles est un projet d’anéantir tout le réel en s’anéantissant avec lui, le Néant chatoie à sa surface, un Néant qui est seulement le papillotement sans fin des contradictoires”²¹ (SARTRE, 1967, p. 224). Com o surrealismo, a irresponsabilidade do escritor, que se esconde sob a escrita automática, faz com que ele não seja levado a sério pela burguesia que despreza. Sua obra é a “*gratuité parasitaire*”, o nada inofensivo que levaria o burguês a comentar com desdém: “Ce n’est que de la littérature”²² (SARTRE, 1967, p. 168 e 188).

Para Blanchot, essa frase expressa um confronto entre a ação e a palavra escrita, considerada como inação, o que leva ao desprezo e à rejeição dessa literatura que não age. Blanchot desenvolve então a idéia de que em verdade a literatura não é o Nada sartriano, não é propriamente a negação do mundo, mas, ao contrário, “*réalise plutôt l’impuissance à nier, le refus d’intervenir dans le monde*”²³ (BLANCHOT, 2003, p. 306). Essa impotência é motivada pelo fato de que o escritor dispõe simplesmente de tudo, e se negar é limitar, se negar é por outro lado afirmar a não-existência, simplesmente não se pode fazer isso no infinito.

²⁰ Trad.: “Mas alguns descobriram mais: a literatura não é somente ilegítima, mas nula, e essa nulidade constitui talvez uma força extraordinária, maravilhosa, a condição de ser isolada em estado puro”.

²¹ Trad.: “e como cada uma delas [das obras surrealistas] é um projeto de aniquilar todo o real, aniquilando-se com ele, o Nada cintila em sua superfície, um Nada que é somente o borboletear sem fim das contradições”.

²² Trad.: “Isso não passa de literatura”.

²³ Trad.: “realiza a impotência de negar, a recusa de intervir no mundo”

As ideias de ilegitimidade, de nulidade conduzem à palavra “mistificação”, sobre a qual Blanchot desenvolve também um pensamento que se opõe ao de Sartre. Este estabelece a premissa de que as estruturas sociais opressoras predisõem à mistificação: o nazismo, o gaullismo, o catolicismo, o comunismo francês. Pode-se entender mistificação aqui como enganação, ilusionismo, manipulação do povo. Como o escritor exerce sua liberdade ao escrever, e se dirige à liberdade do leitor, que por sua vez está aprisionado pelos discursos e pelas práticas dos sistemas sociais, cabe a quem escreve a tarefa de desmistificar o público, lutando contra as injustiças. Assim, ele estará tomando partido contra as injustiças, e agindo positivamente no espaço social. Blanchot afirma, em contrapartida, que a chamada “literatura de ação” reivindicada por Sartre é que é mistificadora. Esse discurso literário pressupõe um “algo a fazer”, isto é, uma mobilização dos leitores. Entretanto, a linguagem do escritor não é uma linguagem de comando, e por isso o apelo à recepção acaba caindo no vazio, já que constitui uma voz que soa em outro mundo, por mais que deseje voltar ao mundo e agir nele. Aquele que toma a si a tarefa de combater as injustiças pela escrita é o homem honesto; para Blanchot, a honestidade na literatura é impostura: “*La mauvaise foi est ici vérité, et plus grande est la prétension à la morale et au sérieux, plus sûrement l'emportent mystification et tromperie*”²⁴ (BLANCHOT, 2003, p. 300).

Nessa linha de pensamento, o escritor tanto engana os outros quanto a si próprio. O substantivo comum “escritor”, bem como o pronome oblíquo do trecho a seguir, pode ser lido aqui como “o escritor Jean-Paul Sartre”: “*Écoutons-le encore: il affirme maintenant que sa fonction est d'écrire pour autrui, qu'en écrivant, il n'a en vue que l'intérêt du lecteur. Il l'affirme et il le croit. Mais il n'en est rien.*”²⁵ (BLANCHOT, 2003, p. 301). O escritor que se julga engajado será cobrado pelos

²⁴ Trad.: “A má-fé aqui é verdade, e quanto maior é a pretensão à moral e à seriedade, mais ela importa em mistificação e engodo”

²⁵ Trad.: “Escutemo-lo ainda: ele afirma agora que sua função é escrever para os outros, e que, ao escrever, só tem em vista o interesse do leitor. Ele o afirma e o crê. Mas não é nada disso.”

homens diretamente envolvidos na participação política, e aquele que leem o discurso literário percebem que sua condição de ficção: “*nie en fin de compte la substance de ce qu'elle représente*”²⁶ (BLANCHOT 2003, p. p. 299). Se essa lei da narrativa for violada, ela cessa de ser literatura, e aí o escritor ainda pode ser acusado de má-fé. Nes momento, Blanchot escreve uma frase que remete, a quem te Sartre no pensamento, ao famoso conto “O muro” (“Le mûr”):

Faut-il donc renoncer à avoir d'intérêt à quoi que ce soit et tourner vers le mur? Mais le fait-on, l'équivoque n'est pas moi grande. D'abord, regarder le mur, c'est aussi se tourner vers monde, c'est en faire le monde.²⁷

Admitamos a referência, velada ou irônica, ao conto de Sartre, emblema da literatura engajada, o que não torna o texto menos obscuro. Antes de citá-lo, Blanchot adverte de que quer atrelar definitivamente a literatura a uma verdade exterior significa renunciar a ela, é portanto fazer outra coisa, da ordem da sociologia da filosofia, do discurso político. Ele então pronuncia a palavra que evoca a narrativa de Sartre: voltar-se para o muro seria a escolha de não abandonar a literatura, a renúncia a falar exclusivamente do mundo. O muro de Sartre é uma grande alegoria da repressão, da injustiça, do autoritarismo. Edificar esse muro significa criar um elemento simbólico cuja evocação levaria os homens a refletirem sobre a perversidade da dominação forçada. Por outro lado, ele é também a traição ingênua daquele que se salva delatando o companheiro sem o saber.

Blanchot faz um jogo de palavras, usando o significant *mur*, que, em francês, tanto pode ser muro quanto parede. O *mur* blanchotiano é a separação, ou a ilusão de separação do escritor em relação ao mundo. Essa atitude de solidão ou de afastament

²⁶ Trad.: “nega, no final das contas, a substância do que representa”

²⁷ Trad.: “É preciso então renunciar a ter interesse no que quer que seja e se virar para o muro. Mas fazê-lo não torna o equívoco menor. Inicialmente, voltar-se para o muro é também voltar para o mundo, é fazer dele o mundo.”

provoca o efeito contrário: o que o solitário escreve remeterá sempre ao mundo, sua indiferença atizará paixões, sua negligência transformar-se-á em cumplicidade, seu abandono terá o cheiro de inimizade, o que provoca a contestação e finalmente a afirmação pela negação. Assim, esse ilusório muro blanchotiano da intimidade pura contrapõe-se ao ilusório muro sartreano da ação sobre as condições; ambos os muros, segundo Blanchot, fracassam enquanto literatura, por mais que possam obter sucesso no mundo.

Talvez o momento que denuncie de maneira mais evidente a oposição de Blanchot a Sartre seja o desdobramento da seguinte passagem de *Qu'est-ce que la littérature*: “La fonction d'un écrivain est d'appeler un chat un chat. Si les mots sont malades, cet à nous de les guérir. Au lieu de cela, beaucoup vivent de cette maladie.”²⁸ (SARTRE, 1967, p. 341). Cabe aqui uma observação atenuante do radicalismo de Sartre em relação à escrita literária. No início de seu longo ensaio, ele dispensa a poesia, assim como a música e a pintura, de se engajarem. O poeta, segundo ele, não *utiliza* a linguagem, isto é, não faz dela um instrumento de busca da verdade, e tampouco pretende *nomear* o mundo, o que implicaria a subordinação da palavra ao objeto nomeado. Sartre condena a mistura de gêneros, denunciando “la contamination d'une certaine prose par la poésie”²⁹ (SARTRE, 1967, p. 33), criticando “la confusion des genres et la méconnaissance de l'essence romanesque”³⁰ (SARTRE, 1967, p. 208). Ele distingue duas maneiras de se lidar com a palavra: no discurso cotidiano, a palavra é como uma vidraça que permite enxergar o objeto; na linguagem poética, ela é o próprio significante tornado objeto em sua realidade. Blanchot parece concordar – de forma hesitante, talvez irônica – que a poesia tende a se afastar do mundo e aproximar-se da realidade da linguagem, buscando “à ce que

²⁸ Trad.: “A função do escritor é chamar um gato de gato. Se as palavras estão doentes, cabe a nós curá-las. Ao invés disso, muitos vivem dessa doença.”

²⁹ Trad.: “a contaminação de uma certa prosa pela poesia”

³⁰ Trad.: “a confusão dos gêneros e o desconhecimento da essência romanesca”

seraient les choses et les êtres s'il n'y avait pas de monde”³¹, fazendo ouvir “un étrange bruissement d'insecte”³² à margem da história. A expressão “Si telle est la poésie, au moins saurons-nous...”³³, a partir da qual Blanchot parafraseia Sartre na ideia de dispensa da poesia da obrigação de engajamento, contém modalizadores que colocam em questão a firmeza da afirmação sartriana. Vem então a pergunta – “*Mais qu'en est-il?*”³⁴ (BLANCHOT, 2003, p. 320) – com a qual Blanchot descarta a cisão dos gêneros, uma vez que a literatura é insidiosa, traiçoeira, recusa-se a permanecer em lugares definidos. Cita então Flaubert, Francis Ponge, Lautréamont, Sade como exemplos dessa impossibilidade de determinação genérica. A atenuante sartriana, em termos teóricos, parece ter pouca consistência, se se considerar que a questão dos gêneros tende a se indeterminar cada vez mais a partir do século XIX, embora permaneça viva, mas uma vida que se sustenta de suas próprias contradições.

A frase que alude à existência do gato pretende aproximar a prosa de ficção da linguagem corrente – como Sartre a entende – em sua transparência.

Aqui a oposição de Blanchot é vigorosa. Ele se refere primeiramente ao processo de nomeação no âmbito da linguagem comum: “Le langage courant appelle un chat un chat, comme si le chat vivant et son nom étaient identiques, comme si le fait de le nommer ne consistait pas à retenir de lui que son absence, ce qu'il n'est pas”³⁵ (BLANCHOT, 2003, p.314). A nomeação “correta” das coisas reivindicada por Sartre encontra em Blanchot uma forte contestação: a palavra não permite a visão do objeto através da janela sartreana. Para Blanchot, não há janela alguma, nenhuma identidade

³¹ Trad.: “o que seriam as coisas e os seres se não existisse mundo”

³² Trad.: “um estranho zumbido de inseto”

³³ Trad.: “Se assim é a poesia, pelo menos saberemos...”

³⁴ Trad.: “Mas aonde chegamos?”

³⁵ Trad.: “A linguagem corrente chama um gato de gato, como se o gato vivo e seu nome fossem idênticos, como se o fato de o nomear não consistisse em reter dele não mais que sua ausência, aquilo que ele não é”

entre o ser e a palavra. O que fica é a ausência, a não-existência do objeto, que foi assassinado pela palavra para renascer como outra coisa, como ideia. E essa ideia é definitiva, segura. Reter as palavras, por conseguinte, sem permitir que elas retornem às coisas, é garantir sua saúde, para nossa tranquilidade e firmeza de propósitos.

Na linguagem literária, a palavra se comporta de maneira diferente: ela é pouca para as possibilidades que encerra. Uma vez aberto o lacre que limita os sentidos e faz compreender, abre-se o acesso a “*autres noms, moins fixes, encore indécis, plus capables de se concilier avec la liberté sauvage de l'essence négative, des ensembles instables, non plus des termes, mais leur mouvement, glissement sans fin de “tournures” qui n'aboutissent nulle part*”³⁶ (BLANCHOT, 2003, p. 315). Se fosse isso apenas, a literatura já seria muito. Para Blanchot, o que faz a angústia da literatura é a busca de uma origem inexistente da palavra que se perde, a procura de um momento anterior, que não pode ser encontrado.

Contra o gato sartreano, Blanchot defende o gato ambíguo, já que a literatura é feita de ambiguidades, cujo ponto máximo é o lugar instável “*où elle peut changer indifféremment, de sens et de signe*”³⁷ (BLANCHOT, 2003, p. 329). Blanchot não deixa também escapar a atribuição, por Sartre, da pecha de doentes às palavras, e sua insinuação de que muitos escritores tiram partido dela:

Souvent, en ces jours, on parle de la maladie des mots, on s'irrite même de ceux qui en parlant, on les soupçonne de rendre les mots malades pour pouvoir en parler. Il se peut. L'ennui, c'est que cette maladie est aussi la santé des mots.³⁸ (BLANCHOT, 2003, p. 302)

³⁶ Trad.: “*outros nomes, menos fixos, ainda indecisos, mais capazes de se conciliar com a liberdade selvagem da essência negativa, dos conjuntos instáveis, não mais dos termos, mas de seu movimento, deslizar sem fim de “construções” que não chegam a lugar nenhum*”

³⁷ Trad.: “*em que ela pode mudar, indiferentemente, de sentido e de sinal*”

³⁸ Trad.: “*Muitas vezes, atualmente, fala-se da doença das palavras, até nos irritamos com aqueles que falam disso, suspeitando que as tornem doentes para delas poder falar. Talvez seja. Infelizmente, essa doença é também a saúde das palavras.*”

A doença pode ser encarada como a saúde da palavra porque afinal o duplo sentido que a dilacera é o que pode levar à compreensão, ao diálogo. Chamar um gato de gato pode ser o ideal de um escritor, mas isso não significa que ele esteja a caminho da cura das palavras, porque, conforme insiste Blanchot, “*le chat n'est pas un chat, et celui qui l'affirme n'a rien d'autre en vue que cette hypocrite violence. Rolet est un fripon*”³⁹ (BLANCHOT, 2003, p. 302). Blanchot alude aqui a um fragmento do crítico e poeta francês Nicolas Boileau (1636-1711), contido em suas *Sátiras*, de 1660: “*Je ne puis rien nommer si ce n'est par son nom; / J'appelle un chat un chat, et Rolet un fripon*”⁴⁰. Rolet, contemporâneo de Boileau, foi um procurador do Parlamento de Paris. Sua desonestidade era proverbial, e chamar alguém de Rolet equivalia a chamá-lo de vigarista. Blanchot faz a alusão para confirmar o fato de que tentar estabelecer uma identidade perfeita entre duas palavras, ou entre uma palavra e um ser, ou é mistificação ou é hipocrisia, desfazendo, assim, a ilusão sartreana de que é possível dizer que um gato é um gato.

Sartre termina seu texto questionando a imortalidade da literatura, e coloca como condição de sua sobrevivência a luta pela democracia, pelo socialismo, pela justiça, pela paz, e é função do escritor tentar essa mudança. É preciso despertar na sociedade sua consciência infeliz, para que sua capacidade de reação se manifeste. Entretanto, não existe controle sobre o que a literatura pode ou não pode dizer. E conclui, sobre a arte de escrever:

S'il devait se tourner en pure propagande ou en pur divertissement, la société retomberait dans la bauge du immédiat, c'est-à-dire dans la vie sans mémoire des hyménoptères e des gastéropodes. Bien sûr, tout cela n'est pas si important: le monde peu fort bien se passer de la littérature. Mais il peut se passer de l'homme encore mieux.⁴¹ (SARTRE, 1967, pp. 356-357)

³⁹ Trad.: “*um gato não é um gato, e aquele que o afirma não tem mais nada em vista do que essa hipócrita violência: Rolet é um vigarista*”

⁴⁰ Trad.: “*Não posso nomear nada se não há um nome; / chamo um gato de gato e Rolet de vigarista*”.

⁴¹ Trad.: “*Se ela se tornasse pura propaganda ou pura diversão, a sociedade cairia*”.

Se Sartre compara a existência da literatura à própria existência do ser humano, negando sua condição de apenas diversão ou apenas panfleto político, Blanchot insiste em diferenciar a linguagem cotidiana da linguagem literária. No discurso corrente, a força de negação das palavras conduz ao sentido e à compreensão apaziguadoras, porque negação, irrealidade e morte são potências do mundo real. No momento em que o signo literário falha ao representar o que havia morrido, emerge o nada da morte, e a verdade não mais se revela, isto é, o escritor não pode agir “verdadeiramente”. No movimento ligado aos afazeres do mundo, a morte apresenta um poder civilizatório que torna possível a existência dos seres, por mais que ela conduza o homem à infelicidade; assim, a morte está para o homem cotidiano como o sentido está para a palavra útil. Daí a insistência de Blanchot na oração “a morte resulta no ser”: seja loucura, infelicidade ou dilaceramento, só ela possibilita ao homem a compreensão, a apreensão dos sentidos das coisas.

Do outro lado da morte e da compreensão está a literatura. Experimentá-la é cair além da possibilidade da morte, além da possibilidade de compreender, é chegar ao domínio onde “*Pissue devient la disparition de toute issue*”⁴² (BLANCHOT, 2003, p. 331).

Enfim, entre o gato e o não-gato, temos duas posições contrastantes, uma que reivindica a ação da literatura no mundo, e outra que fala da impossibilidade da literatura de atuar no real. Muito se escreveu e muito se escreverá sobre essas posições, e todos os que se dedicam à literatura acabam tomando o partido de uma delas; ou, talvez, de alguma outra intermediária. Será que se pode falar em um “vencedor”? Enquanto Blanchot diz que a palavra literária é pouca para o tanto de conteúdo que se lhe pode atribuir, Sartre acha que é pretensão nossa “croire que nous recélons des beautés ineffables

na lama do imediato, isto é, na vida sem memória dos himenópteros e dos gastrópodes. Certamente, nada disso é muito importante: o mundo pode muito bem passar sem a literatura. Mas ele pode passar ainda melhor sem o homem.
42 Trad.: “a conclusão se torna o desaparecimento de qualquer conclusão”

que la parole n’est pas digne d’exprimer”⁴³ (SARTRE, 1967, p. 342). Quem tem razão? Fica aqui então a proposta de reflexão para quem se interessa pela literatura.

REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice. “La lecture de Kafka” e “La littérature et le droit à la mort”, in *La part du feu*. Paris: Gallimard, 2003

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

DENIS, Benoît. Les fins de la littérature. Apories et contradictions de l’histoire littéraire sartrienne. Sítio na internet: *FABULA – La recherche en littérature*. Acesso em 18/03/2011: http://www.fabula.org/atelier.php?Les_fins_de_la_litt%26acute%3Brature

SARTRE, Jean-Paul. *Qu’est-ce que la littérature?* Paris: Gallimard, 1967.

⁴³ Trad.: “acreditar que guardamos belezas inefáveis que a palavra não é digna de exprimir”